

Semana Acadêmica - UCS

ARTES VISUAIS

**Desafios e perspectivas
da formação de professores
em tempos incertos**

Prof^a. Carmen Capra (UERGS)

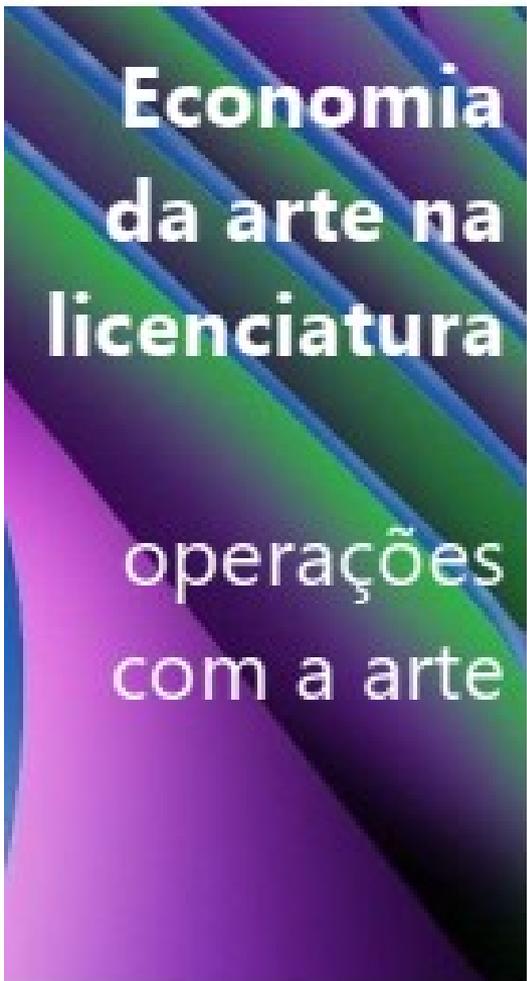
30 de setembro de 2020

A partir de pontos da tese

Problematizações sobre políticas da arte na licenciatura em artes visuais: é preciso gostar da arte de outro jeito, a licenciatura é uma praça (2017)

e do Ensino Remoto

- políticas da arte na formação docente em artes visuais
- potência política no contexto pandêmico: retorno, reposição/pouso no mesmo solo



Economia da arte na licenciatura

operações com a arte

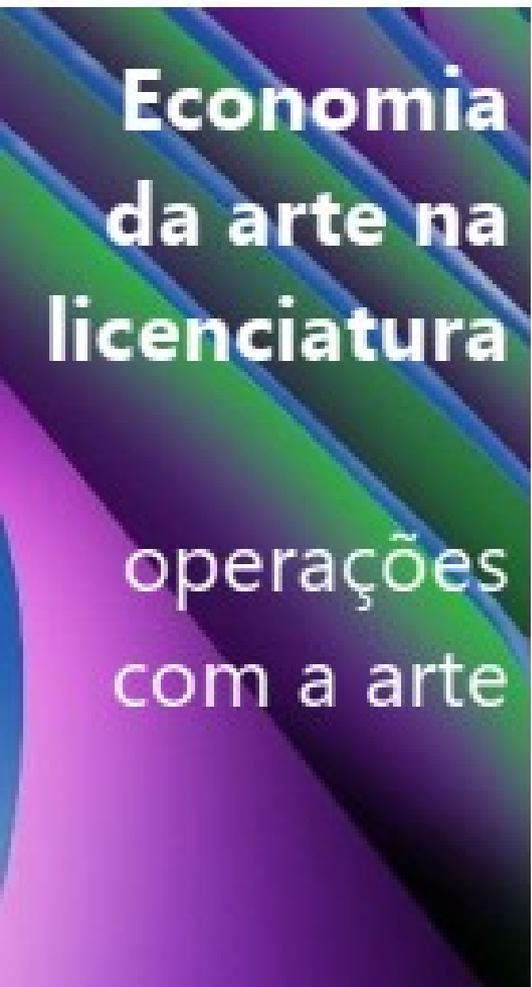
A divisão do sensível (Rancière 2009, 2010) na formação docente, em relação à arte:

afirma e conserva subjetividades e problemas do campo artístico

a formação se dá com formas preexistentes e assumidas na educação escolar

viés biográfico, atuação inspirada em subjetividades da arte, modelo estético para a arte (regime de legitimação, distanciamento da vida)

estabelece uma lógica do exemplo



**Economia
da arte na
licenciatura**

operações
com a arte

A divisão do sensível (Rancière 2009, 2010) na formação docente, em relação à arte:

e gera uma tal abordagem da educação sobre o campo artístico

ideais: civilizatório, liberdade, sociedade imaginada, promessa

uma dívida: docente a ser sempre sensibilizado, "artisticizado" pelo regime artístico



Economia da arte na licenciatura

operações
com a arte

O que fazer? Não estudar arte, nem artistas?

Recusar as “alternativas infernais” (Stengers, 2015)

Junto às bases estética e criadora, inadiáveis na formação docente,

- recusar o endividamento

- perturbar as hierarquias (história, exposição, artista, espectador) como agendas da educação em artes visuais

**Economia
da arte na
licenciatura**

operações
com a arte

O que fazer? Não estudar arte, nem artistas?

introduzir uma base política que cause rupturas nos operadores acadêmicos

é a resposta ética da educação para o campo artístico que indagaria as posições essenciais de artista e espectador

das posições já concebidas, a posições inconcebíveis (Stengers, 2015)

Conversas com estudantes e docentes, 2016

Sem a prova específica, que tipo de aluno vai entrar aqui?

Sabe aquela coisa de que você fazer o vestibular para arte achando que você vai ser o próximo Picasso? [...] Isso não aconteceu contigo?

A arte é um campo aberto para quem acha a porta onde abrir, atualmente. A porta é uma coisa impactante, porque ela gera uma dúvida, entrar ou não entrar, então ela é aberta de certa forma, para certas pessoas ela é um campo aberto... Para a periferia não, atualmente.

Aqui tem muito professor artista, como um exímio aquarelista, reconhecido nacionalmente [...] é todo um processo de estudo que ele mostrava para a gente também poder fazer, de uma forma didática ele ensina os alunos [...] Mas ele não dá aula, só expõe o trabalho dele [...], mas ele é um professor artista, então o que ele fazia: mostrava de forma didática a produção dele, contextualizava e a gente falava dos anseios dele.

O que os lugares concebidos de antemão produzem
na educação escolar no **Brasil de hoje?**

A pandemia e o ensino remoto não exigiria
“**posturas inconcebíveis**” (Stengers, 2015)?

“Em um ano excepcional, onde a escola precisou encontrar outros meios de existir foi necessário repensar as condições de ensino e desenvolver outras formas de produzir conhecimento. Dessa forma, voltar-se à casa, ao ambiente da vida cotidiana, foi uma restrição que possibilitou desenvolver outros aprendizados e manter, ou criar, vínculos afetivos entre estudante, escola e docente. Nesse contexto, as aulas de arte foram tendendo a um espaço de exploração e descoberta, movimento realizado em estado de mais igualdade entre estudante e professor, pois ambos encontram-se em casa, espaço comum de criação.

Assim, tal como traz Skliar “Educar é colocar no meio. Entre. Fazer coisas, juntos, entre nós e entre outros” (2014, p. 119). E é esse fazer coletivo ao qual se refere o autor que abre brecha para que as descobertas tenham importâncias iguais e que as aprendizagens se deem a partir delas. Esse movimento, mesmo individual, gera aproximações que em outras condições poderiam ser improváveis. E, nesse sentido, [...] abriu espaço para questionar e debater possibilidades metodológicas para pensar a escola não apenas durante o período de ensino remoto, mas como um todo a partir desse momento.”

(CAPRA, BAUERMANN FILHO, MARQUES, SILVA, 2020, no prelo)

experiências artísticas, existências artísticas

comunizar

de exemplo hierárquico a exemplares

arte disponível ao livre uso na escola, aberta à
conversação

arte reposicionada na vida, liberada de uma lógica
pedagógica

Se a escola nos põe em uma condição espaço-temporal de estar *livre de e livre para*, (Masschelein; Simons, 2014) vale também para a arte e na universidade

prestar atenção nas artes

descobrir o mundo da arte da mercadoria e do fetiche

começar com as coisas da arte, começar juntos

construir um saber praticado em arte

construir comuns artisticamente

igualdade como ponto de partida

Recusar os pares olhar-saber, aparência-realidade, atividade-passividade, dadas pela divisão do sensível vigente, são alegorias encarnadas da desigualdade (RANCIÈRE, 2012)

A conversação que se efetiva com as coisas da arte e com as coisas do mundo, não guiada pela exemplaridade do discurso institucional, mas o admitindo como um dos saberes produzidos, profana o que está posto como sagrado, trazendo o conhecimento artístico para a posse comum, de qualquer um.

eliminar distâncias, redistribuir lugares

O sistema não pode ser um sistema de aprendizado, ele tem que ser mole. Ele tem que ser mais que flexível, ele tem que ser permeável [...] O que a gente tem como ensino, sempre é aquilo que eu quero e nunca aquilo que ele também quer. Então, aquilo que eu sou como professora, aquilo ali tem uma validade muito maior se eu perceber o que o outro quer saber.

(Conversa com professora, 2016)

A gente tem um processo de ensino que ele é muito mais de fora, você "conta" história. A gente está tentando, mas nessa disciplina não estão os tópicos sobre a Amazônia, por exemplo, mas você tem a história da arte um e dois que vai estudar a Europa inteira! O que você estuda sobre o seu lugar? O que você conhece sobre o seu lugar? Ah não, porque "a gente tem que fazer uma ponte por fora".

Fora do que, gente?

(Conversa com professor, 2016)

Referências:

RANCIÈRE, Jacques. **A Partilha do Sensível:** estética e política. São Paulo: EXO experimental; Editora 34, 2009.

_____. **Estética e Política.** A Partilha do Sensível. Porto: Dafne Editora, 2010.

_____. **O Espectador Emancipado.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a Linguagem.** Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes.** São Paulo: Cosac e Naify, 2015

carmen-capra@uergs.edu.br

www.grupoflume.com.br



www.uergs.edu.br

